

A formação freireana de professores/as da educação de jovens e adultos

Ivanilde Apoluceno de Oliveira¹ 

Universidade do Estado do Pará, Santarém, PA, Brasil

Resumo

Neste artigo o objetivo é apresentar as contribuições da educação de Paulo Freire para a formação de professores/as da Educação de Jovens e Adultos. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica, pautada predominantemente em leituras de obras de Paulo Freire, mas apresentam, também, reflexões sobre a prática formadora de educadores/as populares da Educação de Jovens e Adultos vivenciada em um Núcleo de Educação Popular de uma Universidade pública do estado do Pará. Inicialmente analisa-se na educação de Paulo Freire a formação humana e a educação como processos permanentes, em seguida, as diretrizes freireanas e a trajetória metodológica para a formação de professores/a da EJA. Entre os resultados destaca-se que a formação de educadores/as na visão de Paulo Freire visa à autonomia dos docentes como sujeitos em termos pessoais e como cidadãos, tendo uma dimensão ética e política.

Palavras-chave: Educação de Jovens e Adultos. Paulo Freire. Formação de Professores/as.

Freirean training of teachers youth and adult education

Abstract

In this article the objective is to present the contributions of Paulo Freire's education to the formation of teachers of Youth and Adult Education. It is a bibliographic research, based predominantly on readings of works by Paulo Freire, but also presents reflections on the training practice of popular educators of Youth and Adult Education experienced in a Popular Education Center of a public University of the state of Pará. Initially, human education and education as permanent processes are analyzed in Paulo Freire's education, then the Freirean guidelines and the methodological trajectory for EJA teacher training. Among the results, it is highlighted that the training of educators in the view of Paulo Freire aims at the autonomy of teachers as subjects in personal terms and as citizens, having an ethical and political dimension.

Keywords: Youth and Adult Education. Paulo Freire. Teacher Training

1 Introdução

Neste texto o objetivo é apresentar as contribuições da educação de Paulo Freire para a formação de professores/as da Educação de Jovens e Adultos (EJA). Trata-se de uma pesquisa bibliográfica, pautada predominantemente em leituras de

obras de Paulo Freire, mas apresentam, também, reflexões sobre a prática formadora de educadores populares da Educação de Jovens e Adultos vivenciada em um Núcleo de Educação Popular de uma universidade pública do estado do Pará.

Nesse Núcleo de Educação Popular são realizadas atividades de ensino, pesquisa e extensão, com base no pensamento educacional de Paulo Freire, em diferentes contextos educacionais: escolas, centros comunitários, espaço de acolhimento de idosos e hospitais, e sujeitos: crianças, jovens, adultos e idosos.

O trabalho formador de educadores populares de jovens, adultos e idosos do Núcleo, juntamente com os estudos sobre o pensamento educacional de Paulo Freire é que possibilitaram a elaboração das diretrizes freireanas e a trajetória metodológica da formação de educadores da EJA.

Neste artigo, inicialmente analisa-se na educação de Paulo Freire a formação humana e a educação como processos permanentes, em seguida, as diretrizes freireanas para a formação de educadores/as da EJA e, por fim, a trajetória metodológica na formação de educadores/as da EJA.

2 A Formação humana e a educação são processos permanentes

Paulo Freire compreende o ser humano, em uma perspectiva existencialista, como inconcluso, e, por saber-se inacabado, se educa e está em permanente processo de formação.

Não haveria educação se o homem [e a mulher] fosse um ser acabado. O homem [e a mulher] pergunta-se: quem sou? De onde venho? Onde posso estar? O homem [e a mulher] pode refletir sobre si mesmo e colocar-se em determinado momento, numa certa realidade: é um ser na busca constante de ser mais e, como pode fazer esta autorreflexão, pode descobrir-se como um ser inacabado, que está em constante busca. Eis aqui a raiz da educação (FREIRE, 1981, p. 27).

O processo de formação implica a busca da perfeição e de sua autonomia como ser humano, isto é, homens e mulheres são sujeitos de sua própria história e educação. Desta forma, tanto a formação humana quanto a educação são

permanentes, porque “ninguém nasce feito: é experimentando-nos no mundo que nós nos fazemos” (FREIRE, 1993a, p.79), “não há seres educados e não educados. Estamos todos nos educando” (FREIRE, 1981, p. 28).

Entende Freire (1993) o ser humano não constitutivo *a priori* de uma essência e sim como um projeto que se faz a si mesmo na vivência *com* o outro e *com* o mundo.

3

Não posso entender os homens e as mulheres, a não ser mais do que simplesmente vivendo, histórica, cultural e socialmente *existindo*, como seres fazedores de seu “caminho” que, ao fazê-lo, se expõem ou se entregam ao “caminho” que estão fazendo e que assim os refaz também (FREIRE, 1993b, p. 97).

Essa formação existencial se efetiva na relação reflexivo-crítica que o ser humano estabelece com o mundo, como ser cognoscente, cultural, histórico e ético-político.

Assim, a educação para Freire (1981, p. 16-17) é permanente por dois fatores:

- 1 – Na medida mesma em que os seres humanos, enquanto seres históricos, e com o mundo, são seres inacabados e conscientes de seu inacabamento;
- 2- Na medida em que se movem numa realidade igualmente inacabada. Numa realidade contraditória e dinâmica, realidade que não é, pois que para ser tem de estar sendo.

Explica ser o fundamento da educação e da formação permanente, além dos fatores acima descritos, “o fato de, ao longo da história ter incorporado à sua natureza ‘não apenas *saber que vivia* mas *saber que sabia* e, assim, saber que podia saber mais’.” (FREIRE, 1993a, p. 20). A busca em *saber mais* e a serem *seres humanos mais* é que faz a formação humana como ação permanente.

Freire, então, apresenta o caráter permanente da educação pelo seu *que-fazer* estritamente humano, que perpassa pelo problema de sua humanização. “Ao instalar-se na quase, senão trágica descoberta do seu pouco saber de si, se fazem problemas a eles mesmos. Indagam. Respondem, e suas respostas os levam a novas perguntas” (FREIRE, 1983, p. 29).

A humanização consiste na afirmação dos seres humanos como pessoas em permanente busca de *ser mais*, como construtores de sua história, que implica na ação de perguntar e problematizar a si, ao outro e ao mundo. O impedimento desta busca pelo ser humano de *ser mais*, consiste em desumanização. Por isso, para Freire (1985a), no processo educacional há necessidade de permanente estímulo à curiosidade e ao ato de perguntar pelos atores educacionais, por reconhecer a existência humana como um ato de perguntar.

O/a educador/a, nesta perspectiva, é um ser cognoscente, problematizador/a e aprendente, cujo processo de formação é pessoal e profissional.

O/a educador/a como ser cognoscente e problematizador/a estabelece uma relação de conhecimento com o objeto e uma relação comunicativa com os sujeitos cognoscentes. Pelo fato de reconstruir permanentemente seu ato de conhecer, torna seu processo de conhecer um *que-fazer problematizador*. O conhecimento, então, apresenta quatro dimensões: gnosiológica, lógica, história e dialógica (FREIRE, 1980).

O/a educador/a é um ser aprendente, pois ensina e aprende. Freire (1993a) corrobora o pensamento de François Jacob de que os seres humanos são programados para aprender.

Aprender e ensinar fazem parte da existência humana, histórica e social [...] foi exatamente porque nos tornamos capazes de *dizer* o mundo, na medida em que o transformávamos, em que o reiventávamos, que terminamos por nos tornar ensinantes e aprendizes. Sujeitos de uma prática que veio tornando política, gnosiológica, estética e ética (FREIRE, 1993a, p. 19).

Para Freire (1993a) a formação do/a educador/a é pessoal e profissional, envolve uma formação técnico-pedagógica, mas também, pessoal e humana. Isto significa levar em conta tanto a formação acadêmica e a experiência de vida profissional quanto a vivência e presença de mundo. “Não me é possível separar o que há em mim de profissional do que venho sendo como homem” (FREIRE, 1993a, p. 80).

3 A formação de educadores/as da Educação de Jovens e Adultos: diretrizes freireanas.

A educação de Paulo Freire aponta para as seguintes diretrizes em relação à formação de educadores/as da EJA:

5 a) Superar a educação bancária efetivando uma educação problematizadora

Para Freire (1983) há a necessidade de superar na formação a prática tradicional bancária, isto é, educação que se torna um ato de depositar conteúdo do professor aos alunos. Superar uma educação alienante, desumanizante e opressora, por uma educação humanista e problematizadora, garantindo o direito dos jovens, adultos e idosos à educação.

Na educação tradicional os educandos são meros objetos, não exercendo sua autonomia no processo de busca de conhecimento, como sujeitos históricos, sendo negados em sua *ontológica vocação de ser mais*. “A concepção e a prática “bancárias”, imobilistas, “fixistas”, terminam por desconhecer os homens [e as mulheres] como seres históricos” (FREIRE, 1983, p. 83). A educação bancária é assistencialista, não crítica, serve à dominação, inibe a criatividade, domestica as consciências por meio de um discurso fatalista e imobilizador.

A educação problematizadora, proposta por Freire (1983), é crítica e problematizadora, visa a transformação social, é dialógica, democrática e humanista, reconhece o ser humano como sujeito histórico, gnosiológico e ético-político, ser que pensa, que expressa a sua fala e reflete sobre a prática. “A educação problematizadora se faz, assim, um esforço permanente através do qual os homens [e as mulheres] vão percebendo, criticamente, como estão *sendo* no mundo *com que e em que se acham*” (p. 82).

b) Promover o pensar crítico e a problematização da realidade sociocultural e educacional

A formação, na perspectiva da educação problematizadora freireana, não pode ser uma prática transmissora de determinados conteúdos teóricos (FREIRE, 2007). Há necessidade de o educador ser participante do processo formador. Assim, os/as educadores/as têm de ser instigados/as a problematizar a realidade sociocultural e educacional, a dialogarem com os diferentes sujeitos da educação e apresentarem propostas de mudanças.

6

Assim, a formação permanente do/a educador/a, pressupõe o reconhecimento de que o/a educador/a é sujeito histórico e sociocultural, capaz de conhecer, problematizar e a transformar a sociedade, compreendo ser a educação uma ação eminentemente política e ética.

A existência humana implica em “*assumir* o direito e o dever de optar, de decidir, de lutar, de fazer política. E tudo isso nos traz de novo à imperiosidade da prática *formadora*, de natureza eminentemente ética” (FREIRE, 2007, p. 52). Grifos do autor.

c) Articular o ensino com a pesquisa

Para Freire (2007, p. 29) o ensinar exige a pesquisa porque:

enquanto ensino continuo buscando, reprocurando. Ensino porque busco, indaguei, porque indago e me indago. Pesquiso para constatar, constatando, intervenho, intervindo educo e me educo. Pesquiso para conhecer o que ainda não conheço e comunicar ou anunciar a novidade.

Desta forma, na formação docente o/a educador/a da EJA tem de ser instigado a pesquisar, a buscar o conhecimento, porque “faz parte da natureza da prática docente a indagação, a busca, a pesquisa” (p. 29). Em sua formação permanente o/a professor/a precisa se perceber e se assumir como pesquisador/a.

Nesse processo de busca o/a professor/a tem de ser inquiridor/a, perguntador/a, porque ele/ela ensina o saber feito, mas está em processo permanente de aprendizagem (FAUNDEZ; FREIRE, 1985a).

Para Freire (1985a, p. 52) “uma educação de perguntas é a única educação criativa e apta a estimular a capacidade humana de assombrar-se, de responder ao

seu assombro e resolver seus verdadeiros problemas essenciais, existenciais. E o próprio conhecimento”.

d) Considerar a população da EJA, suas especificidades existenciais e socioculturais.

Na formação de docentes da EJA há a necessidade de o/a educador/a conhecer quem são os sujeitos desta modalidade de ensino e suas especificidades etárias e socioculturais, para melhor compreender suas leituras e experiências de mundo e debater com os/as educandos/as a realidade concreta.

7

Como educador preciso de ir “lendo” cada vez melhor a leitura do mundo que os grupos populares com quem trabalho fazem de seu contexto imediato e do maior de que o seu é parte. O que quero dizer é o seguinte: não posso de maneira alguma, nas minhas relações político-pedagógicas com os grupos populares, desconsiderar seu saber de experiência feito. Sua explicação do mundo de que faz parte a compreensão de sua própria presença no mundo. E isso tudo vem explicitado ou sugerido ou escondido no que chamo “leitura do mundo” que precede sempre a “leitura da palavra” (FREIRE, 2007, p. 81).

Desta forma, o/a educador/a em sua formação tem de ser motivado a escutar e dialogar com os/as educandos/as, a conhecer seu contexto sociocultural, valorizar seus saberes da experiência feita e reconhecer sua identidade cultural. “Meu conhecimento é uma realidade minha, não deles. Então, tenho de começar a partir da realidade deles para trazê-los para dentro de minha realidade” (FREIRE, 1990, p. 127).

Freire (2007, p. 113) ressalta a necessidade de o/a educador/a saber escutar. “Somente quem escuta paciente e criticamente o outro, fala *com ele*, mesmo que, em certas condições, precise falar a ele.”

A escuta em Paulo Freire consiste por parte do sujeito que escuta em uma abertura à fala, ao gesto e às diferenças do outro. O que implica em uma dimensão ético-política, na medida que significa aceitar e respeitar a diferença.

e) O respeito à diferença e à diversidade de saberes culturais

O/a educador/a em sua formação precisa debater questões referentes às diferenças individuais e culturais, que perpassa pela valorização dos saberes e experiências de vida dos/as educandos/as e a compreensão da educação em sua dimensão cultural.

Para Brandão (2002, p. 139) “toda a educação é cultura. Toda a teoria da educação é uma dimensão parcelar de alguns sistemas motivados de símbolos e de significados de uma dada cultura, ou do lugar social de um entrecruzamento de culturas”. Explica que “as construções históricas e cotidianas da cultura são: saberes, valores, códigos e gramáticas de relacionamentos entre as diferentes categorias de atores culturais”. Destaca ainda que “toda a cultura humana é um fruto direto do trabalho da educação” (p. 141), na medida em que “aprendemos na e da cultura de quem somos e de que participamos” (p. 141).

Oliveira (2015) explica que Paulo Freire trata a educação como uma dimensão da cultura, sendo desenvolvida na cultura e se constituindo em uma expressão cultural. Como criação humana apresenta também um caráter humanístico, sendo a cultura o resultado do trabalho criador de homens e mulheres do seu saber-fazer no mundo. A autora ressalta, ainda, que Paulo Freire chama atenção para o fato de que a opressão social se apresenta tanto como fator econômico quanto cultural, ao ser imposta a cultura do opressor e negadas as manifestações culturais dos povos oprimidos.

No campo epistemológico historicamente é o saber científico que é valorizado e legitimado na escola, sendo negado os saberes de outras culturas que não a europeia ocidental. E a imposição da cultura dominante sobre as outras, consiste para Freire (1983) uma invasão cultural, ao impor o dominante a sua visão de mundo e frear a criatividade e inibir a expansão das demais culturas.

Assim, a educação para Freire precisa ser intercultural estabelecendo o diálogo entre as diferentes culturas e valorizando as epistemologias outras.

Para Freire (1980) ser dialógico é não invadir a cultura do outro e sim transformar a realidade com o outro, com o diferente.

A dialogicidade verdadeira, em que os sujeitos dialógicos aprendem e crescem na diferença, sobretudo, no respeito a ela, é a forma de estar

sendo coerentemente exigida por seres que, inacabados, assumindo-se como tais, se tornam radicalmente éticos (FREIRE, 2007, p. 60).

Em uma sociedade democrática temos o direito de sermos diferentes e respeitados na diferença, o que significa respeitar o outro, sua visão de mundo e cultura.

9

f) Reconhecer o valor das emoções, da sensibilidade, afetividade e do saber sensível, corporal

Na formação docente, além da criticidade, Freire (2007) destaca a importância do reconhecimento das emoções, da sensibilidade e da afetividade.

Nenhuma formação docente verdadeira pode fazer-se alheada, de um lado, do exercício da criticidade que implica a promoção da curiosidade ingênua à curiosidade epistemológica, e de outro, sem o reconhecimento do valor das emoções, da sensibilidade, da afetividade, da intuição ou adivinhação (FREIRE, 2007, p. 45).

Considera Freire (2007, p. 141-142) que “a afetividade não se acha excluída da cognoscibilidade [...] E ensinar e aprender não podem dar-se fora da procura, fora da boniteza e da alegria. Significa que a rigorosidade no ensino não está dissociada da vivência da alegria. A atividade docente consiste em uma experiência alegre e não fadonha e triste. A prática educativa envolve capacidade científica, disciplina intelectual, afetividade, alegria e domínio técnico.

Freire (1989) ressalta a importância da aprendizagem do saber sensível, corporal.

Veja que a mão humana é tremendamente cultural. Ela é fazedora, ela é sensibilidade, ela é visibilidade, a mão pensa e age. E eu faço ênfase nesses movimentos pelos quais o corpo humano vira corpo consciente. O corpo se transforma em corpo percebido. E ele descreve, ele anota que, em sua transformação, a vida social está mudando também. O corpo age e, durante suas atitudes, ele desaninha de si e de suas relações o conhecimento sobre a vida (FREIRE, 1989, p. 34).

Pensa Freire (1989, p. 24) que “o intelectual pode se enriquecer ao aprender com essa forma de conhecimento”.

g) Formação que envolve a leitura crítica e o estudar

Freire (1993c) destaca a importância da leitura crítica na formação do/a educador/a. A leitura implica em compreender e criar e não memorizar o lido.

10

Ninguém lê ou estuda autenticamente se não assume, diante do texto ou do objeto da curiosidade a forma crítica de ser ou estar sendo sujeito da curiosidade, sujeito da leitura, sujeito do processo de conhecer em que se acha. Ler é procurar ou buscar criar a compreensão do lido (FREIRE, 1993c, p. 29).

O ato de estudar também envolve ação de compreensão e criação. “Estudar é desocultar, é ganhar a compreensão mais exata do objeto, é perceber suas relações com os outros objetos. Implica que o estudioso, sujeito do estudo, se arrisque, se aventure, sem o que não cria nem recria” (FREIRE, 1993c, p.33). A leitura e o estudar são ações de paciência, persistência e de desafios e indispensáveis à formação do educador.

h) A dialeticidade entre prática e teoria.

Para Freire (1993c) a dialeticidade entre a prática e a teoria deve estar presente na formação permanente do educador. Isto significa que o contexto teórico formador não pode transformar-se em puro fazer, nem a teoria pode se constituir por discursos teóricos sem relação com a realidade concreta, porque se dimensiona como práxis, ou seja, teoria e prática.

Para Freire (2007, p. 39) “na formação permanente dos professores, o momento fundamental é o da reflexão crítica sobre a prática. É pensando criticamente a prática de hoje ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática”.

Neste sentido, a reflexão sobre a prática precisa na formação docente ser incentivada e ensinada, para que o/a educador/a possa modificá-la e aprimorá-la.

A reflexão sobre a prática envolve a compreensão entre o ensinar e aprender, a pensar sobre o seu *que-fazer* de educador/a e escutar os/as educandos/as, no processo dialógico estabelecido com os/as educandos/as.

i) A autonomia e a criatividade no processo formador

No processo de sua formação o/a educador/a tem de ser autônomo, sujeito de suas ações e decisões, bem como instigado na sua capacidade de pensar, criar e imaginar, para melhor intervir no contexto educacional.

Ser sujeito na perspectiva de Paulo Freire “implica ter autonomia, ser partícipe da construção de sua história, de sua cultura e de sua educação” (OLIVEIRA, 2015, p. 79).

Para Freire (2007, p.107) a autonomia “vai se constituindo na experiência de várias, inúmeras decisões, que vão sendo tomadas [...]. A autonomia enquanto amadurecimento do ser para si, é processo, é vir a ser”.

O/a educador/a, então, em sua formação assume seu papel de sujeito, experienciando ações e tomando decisões de caráter ético e político.

4 Formação de Educadores/as da Educação de Jovens e Adultos: trajetória metodológica

A formação de educadores/as da EJA com base nas diretrizes freireanas apresentadas, em termos metodológicos, rompe com a estrutura metodológica tradicional: estudo teórico inicial e posteriormente, informações sobre a prática docente, por meio de uma estrutura curricular disciplinar, sendo direcionada a uma formação docente crítica, criativa e interdisciplinar.

A formação docente na perspectiva metodológica freireana parte da pesquisa socioantropológica e educacional dos educadores da EJA, perpassa pela problematização de questões sobre a educação e a prática docente da EJA, a investigação temática por meio do levantamento e debate de temáticas significativas geradoras e temas dobradiças, com a criação de redes temáticas e, por fim, de uma análise interdisciplinar dos conteúdos curriculares formadores, tendo como eixo de articulação destas ações, o círculo de cultura.

Para Freire (2003, p. 161):

Os círculos de cultura eram espaços em que dialogicamente se ensinava e se aprendia. Em que se conhecia em lugar de se fazer transferência de conhecimento. Em que se produzia conhecimento em lugar de justaposição ou da superposição de conhecimento feitas pelo educador a ou sobre o educando. Em que se construíam novas hipóteses de leitura do mundo.

Os Círculos de cultura seriam espaços em que “o povo discute os seus problemas, mas também em que se organizam e planificam ações concretas, de interesse coletivo” (FREIRE, 1985b, p. 141). No âmbito da formação de educadores/as, constitui espaço de discussão dos problemas educacionais e de organização de ações concretas de mudanças na prática docente.

12

a) Pesquisa socioantropológica e educacional

O/a professor/a formador/a levanta dados sobre o/a educador/a da EJA, sua realidade existencial, sociocultural e educacional. Com estas informações levanta o perfil dos/as educadores/as e de suas turmas de EJA, cujos dados nortearão o planejamento das atividades docentes a serem realizadas.

As atividades pedagógicas nesta perspectiva têm como ponto de partida a realidade existencial, social, histórica e cultural dos/as educandos/as.

b) A problematização de questões educacionais

O/a professor/a-formador/a instiga o levantamento por parte dos/as educadores/as de questões sobre a educação e a prática docente da EJA. Estimula o levantamento de problemas, por meio da reflexão sobre a prática. Das questões-problemas, identificam-se as situações limites e perspectivas de ações educativas, extraindo-se os temas geradores.

c) Investigação temática

Há, por parte do/a professor/a-formador/a, o levantamento e debate de temáticas significativas geradoras¹ e temas dobradiças com a criação de redes

¹ Que contém em si a possibilidade de desdobrar-se em outros temas (FREIRE, 1983).

temáticas. Dos temas geradores podem surgir os temas dobradiços, propostos pelos/as educadores/as, e sendo formadas redes temáticas, que nortearão a escolha dos conteúdos curriculares.

Freire (1983, p. 141) explica que os “temas de dobradiça” fundados na dialogicidade possibilitam que os seres humanos “se sintam sujeitos de seu pensar, discutindo o seu pensar, sua própria visão de mundo, manifestada implícita ou explicitamente, nas suas sugestões e nas de seus companheiros”.

13

d) Análise interdisciplinar dos conteúdos curriculares

Em torno da rede temática construída selecionam-se os conteúdos a serem trabalhados na formação de forma interdisciplinar e realiza-se o círculo de cultura, com a relação entre os saberes, bem como utiliza-se uma diversidade de estratégias e dinâmicas pedagógicas.

As estratégias pedagógicas utilizadas centram-se no diálogo, na problematização, na pesquisa e na reflexão sobre a prática, por meio de diferentes dinâmicas e recursos didáticos, tornando as aulas, encontros dialógicos, reflexivos e críticos, compreendendo-se que “ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção” (FREIRE, 2007, p. 47).

Considerações finais

A formação docente na perspectiva de Paulo Freire pressupõe a superação da prática de ensino tradicional e se configura como uma atividade de formação permanente, crítica, dialógica, problematizadora, investigativa, democrática e intercultural.

O/a professor/a no processo de sua formação, pesquisa, pergunta, problematiza e reflete sobre a prática vivenciada em classe, relacionando a teoria e a prática e os conteúdos apreendidos de forma interdisciplinar.

A formação visa a autonomia dos docentes como sujeitos em termos pessoais e como cidadãos, tendo uma dimensão ética e política. Há uma

intencionalidade ético-política em mudar a sociedade, com princípios de equidade social e solidariedade humana.

Referências

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **A educação como cultura**. Campinas-SP: Mercado das Letras, 2002.

14

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 36e. São Paulo: Paz e Terra, 2007

FREIRE, Paulo. **Cartas a Cristina: reflexões sobre minha vida e minha práxis**. Organização e notas: FREIRE, Ana Maria Araújo. 2e. revista. São Paulo: UNESP, 2003.

FREIRE, Paulo. **Política e educação**. São Paulo: Cortez, 1993a.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido**. 2e. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993b.

FREIRE, Paulo. **Professora sim, tia não: cartas a quem ousa ensinar**. 2e. São Paulo: Olho D' Água, 1993c.

FREIRE, Paulo; MACEDO, Donaldo. **Alfabetização: leitura do mundo, leitura da palavra**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

FREIRE, PAULO; NOGUEIRA, Adriano. **Que-fazer: teoria e prática em educação popular**. 2e. Petrópolis-RJ: Vozes, 1989.

FREIRE, Paulo; FAUNDEZ, Antonio. **Por uma pedagogia da pergunta**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985a.

FREIRE, Paulo. Quatro cartas aos animadores de Círculos de cultura de São Tomé e Príncipe. BRANDÃO, Carlos Rodrigues (Org.) **A questão política da educação popular**. São Paulo: Brasiliense, 1985b.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 12e. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

FREIRE, Paulo. **Educação e mudança**. 4e. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

FREIRE, Paulo. Prefácio: Ideologia e educação: reflexões sobre a não neutralidade da educação. In: GADOTTI, Moacir. **A educação contra a educação: o esquecimento da educação e a educação permanente**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981. p.15-19.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação?** 4e. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

OLIVEIRA, Ivanilde Apoluceno de. **Paulo Freire: gênese da educação intercultural no Brasil.** Curitiba-PR: CRV, 2015.

15

ⁱ **Ivanilde Apoluceno de Oliveira**, ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3458-584X>.

Programa de Pós-Graduação. Universidade do Estado do Pará.

Pós-doutora em Educação pela PUC-Rio. Doutora em Educação pela PUC-SP e UNAM/UAM Iztapalapa – México. Docente do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado do Pará. Coordena o Núcleo de Educação Popular Paulo Freire e a Cátedra Paulo Freire da Amazônia. Contribuição de autoria: Revisão e Edição.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6486192420682817>

E-mail: ivanildeapoluceno@uepa.br.

Editora responsável: Karla Colares Vasconcelos

OLIVEIRA, Ivanilde Apoluceno de; A formação freireana de professores/as da educação de jovens e adultos. **Ensino em Perspectivas**, Fortaleza, v. 1, n. 2, p. 1-15, 2020.